

QUARTA-FEIRA, 3 DE AGOSTO DE 2016



Publicação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

[HOME](#)   [SOBRE NÓS](#)   [ÁREAS](#)   [NOTÍCIAS](#)   [MULHERES EM FOCO](#)

[PUBLICAÇÕES](#)   [PERFIS](#)   [AGENDA](#)   [CONTATO](#)

**MOSTRADOR DE NOTÍCIAS** > [ segunda-feira, 1 de agosto de

PESQUISAR ...

[Início](#) > [Mulheres em foco](#) > Por que tão poucas?

## Por que tão poucas?

🕒 quinta-feira, 28 de julho de 2016   📁 Mulheres em foco, Notícias



*Pesquisa avalia a participação feminina na ciência brasileira. Para Marcia Barbosa, é preciso estimular o interesse das meninas pela ciência – Foto: Ramon Moser/UFRGS*

### MAIS LIDOS



**Ruralidade fluminense: livro e documentário discutem a nova configuração da vida no campo**

🕒 sexta-feira, 1 de julho de 2016



**Jogo de liderança feminina financiado pela Fapesb ganha destaque em programa internacional**

🕒 terça-feira, 28 de junho de 2016

Você já deve ter ouvido expressões como “isso é coisa de menino, isso é coisa de menina”. Embora as mulheres tenham conquistado espaços importantes na sociedade nas últimas décadas, os estereótipos ainda contribuem para que elas tenham baixa participação nas ciências exatas, segundo a pesquisadora e diretora do Instituto de Física da UFRGS, **Marcia Barbosa**.

No mundo todo, o percentual da participação feminina nas ciências exatas é em torno de 30%. Argumentos como o do talento inato – que propõem que pessoas nasçam com determinadas habilidades – ainda geram polêmica. Durante uma conferência, em 2005, o então reitor da Universidade de Harvard, o economista Lawrence Summers, declarou que a reduzida participação das mulheres nas ciências se explicaria por uma inaptidão das meninas para tais áreas. A declaração sem respaldo científico rendeu a Summers sua destituição do cargo. Para Marcia Barbosa, esse argumento não se justifica: “O menino é estimulado a se sujar, a se desafiar; se uma menina aparece suja, ela é xingada, quer dizer, não tem nada de inato aí, e sim de muito treinamento”, diz.

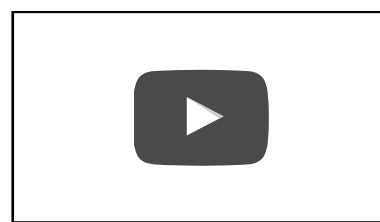
Com a pesquisa ***Mulheres na Física: Por que tão poucas? Por que tão lentamente?***, Marcia avaliou bolsistas de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) entre 2001 e 2011, nas áreas de Física e Medicina. O estudo evidencia que na Física há apenas 10% de mulheres no nível 2 – o mais básico –, e à medida que se sobe na carreira essa taxa diminui ainda mais. Mesmo no caso da Medicina, em que o percentual de mulheres chega a quase 40% no nível 2, esse fenômeno também



### Projeto promove leitura aos apenados da penitenciária de Cascavel

🕒 segunda-feira, 27 de junho de 2016

#### 📺 VÍDEO EM DESTAQUE



#### REDES SOCIAIS



#### CATEGORIAS

BIOLÓGICAS

EDUCAÇÃO EXATAS

HUMANAS

JOVENS CIENTISTAS

MULHERES EM FOCO

ocorre, e cai para 20% no nível 1A, que é dado a pesquisadores mais experientes na classificação do CNPq. Para a professora, além dos estereótipos sexistas, o que explica esse decréscimo é a maneira como a carreira é desenhada: “É feita de homens para homens. Para um perfil de alguém que pode fazer mestrado e doutorado sem nenhuma interrupção, como seis meses para cuidar de um filho”, afirma.

### “Eu achei que estava no lugar errado no primeiro dia de aula”

Marcia Barbosa foi a primeira e única mulher a coordenar o Comitê de Física e Astronomia do CNPq. Mas desde muito cedo se acostumou a estar em menor número: “Eu achei que estava no lugar errado no primeiro dia de aula. Em uma turma de 40, éramos apenas quatro mulheres; no final do curso, só eu me formei”. Essa percepção de isolamento foi o que motivou Marcia a desenvolver a pesquisa sobre gênero.

Foi apenas no ano 2000 que a União Internacional de Física reconheceu o problema. Assim, foram formados grupos de trabalho para analisar o tema. Durante as conferências, percebeu-se o baixo percentual de mulheres nos 75 países participantes – um obstáculo que contribui ainda mais para que as estudantes se afastem. “Uma menina que goste de ciência, mas que não enxerga nenhuma mulher de destaque, não vai para a ciência”, enfatiza Marcia. No entanto, a negação do preconceito ainda persiste, particularmente no Brasil. A pesquisadora diz que a apresentação dos dados obriga as pessoas a reconhecerem sua existência. Ela vai além: “Eu costumo perguntar às pessoas quando foi a última

NOTÍCIAS    PERFIS

PUBLICAÇÕES

TECNOLOGIA    ÁREAS

#### AGENDA

**8  
A  
G  
O** MULHERES NA  
CIÊNCIA 2016: O  
GÊNERO NA  
PÓS-GRADUAÇÃO

09:00 +  
até  
16:30

**1  
9  
A  
G  
O** STARTUP  
WEEKEND  
WOMEN  
FLORIANÓPOLIS

08:00 +  
até  
22:00

vez que sentiram medo. Os homens normalmente lembram-se de um episódio antigo, engraçado. As mulheres vão se lembrar de algo daquela manhã: às vezes atravessando o campus, estando num elevador com um estranho, ouvindo um comentário de um professor. Além de executarmos nossas tarefas, ainda convivemos com o medo”.

## **Visibilidade e políticas afirmativas**

Para mudar esse cenário, os grupos de trabalho têm desempenhado papel fundamental localmente. No Brasil, foi conquistado o direito de licença maternidade para bolsistas de mestrado, doutorado e produtividade. A pesquisa realizada por Marcia ainda se mostra estável, mas, de acordo com ela, as políticas de afirmação não tiveram tempo suficiente para dar resultado. Para a professora, a mudança mais significativa tem sido a construção de espaços por parte das mulheres para discutir essas questões nos eventos.

No ano de 2006, o censo escolar apontou que 58% dos concluintes do ensino médio eram meninas. No ano seguinte, mais da metade dos ingressantes e 60% dos concluintes no ensino superior foram do sexo feminino. As mulheres constituem a maioria dos estudantes do ensino superior brasileiro, segundo dados do IBGE/Censo 2010. Ainda que elas sejam maioria, na universidade concentram-se em cursos como Letras e Enfermagem. Na UFRGS, iniciativas como o ***Meninas na Ciência***, do Instituto de Física, visam à promoção da presença das mulheres nos campos da ciência e da tecnologia. O projeto tem realizado ações nas escolas para incentivar o interesse das meninas pela ciência.

Em 2013, a diretora do Instituto de Física recebeu o prêmio L'Oréal Unesco para mulheres em função de sua pesquisa sobre anomalias da água. Para Marcia, prêmios que visibilizem o trabalho das mulheres são importantes para despertar o interesse feminino pela ciência. Por outro lado, ela também acredita que toda instituição de ensino deveria ter uma secretaria específica para tratar de gênero e corrigir comportamentos que gerem preconceito. Afinal, lugar de mulher é onde ela quiser, inclusive na Física.

## UFRGS



### ARTIGO ANTERIOR

### PRÓXIMO ARTIGO

#### SOBRE NÓS

---

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) é uma entidade civil, sem fins lucrativos ou posição político-partidária, voltada para a defesa do avanço científico e tecnológico, e do desenvolvimento educacional e cultural do Brasil. Desde sua fundação, em 1948, a SBPC exerce um papel importante na expansão e no aperfeiçoamento do

#### CATEGORIAS

---

**BIOLÓGICAS**

**EDUCAÇÃO**

**EXATAS**

**HUMANAS**

**JOVENS CIENTISTAS**

**MULHERES EM FOCO**

**NOTÍCIAS**

**PERFIS**

**PUBLICAÇÕES**

#### REDES SOCIAIS

---

Facebook

Twitter

Youtube

#### OUTRAS PUBLICAÇÕES

---



Journal da Ciência  
**Ciência & Cultura**

sistema nacional de  
ciência e tecnologia,  
bem como na difusão  
e popularização da  
ciência no País.

**TECNOLOGIA**

**ÁREAS**

Copyright © 2016 | Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência